

Clube de Paris: resposta hoje.

Galvães está confiante: acha que os países ricos renegociarão nossa dívida, avalizada por seus governos quase da forma como o Brasil pediu.

As negociações entre o governo brasileiro e o Clube de Paris para o reescalonamento de parte da dívida externa foram praticamente concluídas ontem pelo ministro Ernane Galvães, da Fazenda, que durante todo o dia esteve reunido com os representantes dos países credores.

Ao deixar o Hotel Majestic, local da reunião, o ministro Galvães afirmou que o resultado que deverá ser anunciado hoje estará muito próximo da proposta brasileira. Nesta proposta, o governo solicitou uma carência de cinco anos e um prazo de nove anos para o pagamento do principal de 90% de US\$ 2,3 bilhões; para os 10% restantes, foi pedida uma carência de três anos e um prazo de cinco para o pagamento do principal.

O ministro Ernane Galvães não quis adiantar as bases do acordo que será anunciado por volta do meio-dia de hoje, pois somente amanhã se realizará a reunião plenária do Clube de Paris, quando a proposta final será aprovada. Ontem pela manhã, o ministro fez ampla exposição sobre a atual política econômica. Exposições sobre o mesmo tema foram feitas pelos representantes da Unctad, FMI, Banco Mundial e Bird, presentes à reunião. Posteriormente os credores brasileiros, representantes dos diversos países, questionaram o ministro sobre aspectos do programa econômico aprovado recentemente com objetivo de promover os ajustes necessários, principalmente do balanço de pagamentos.

Representantes da delegação alemã afirmaram, ao deixar o Hotel Majestic, que procuraram informar-se da situação e saber se seriam ou não necessárias medidas suplementares para reequilibrar a economia brasileira. Eles lembraram que a atitude de



Galvães terá uma resposta que ele acredita muito favorável ao Brasil. Até da Inglaterra, até agora relutante em nos ajudar.

todos os participantes é positiva, pois "se pretende atender e não cobrar o Brasil". Os alemães reconhecem, entretanto, que a proposta do governo foge às regras do Clube de Paris, mas tem possibilidade de ser aceita em grande parte.

Na verdade, a grande negociação foi

feita diretamente entre o ministro Ernane Galvães e o secretário do clube, o diretor do Tesouro francês, Michel Candessus. Foi este encontro, após a reunião plenária encerrada às 18 horas, que definiu as linhas mestras do reescalonamento, cujos números definitivos serão submetidos aos demais participantes hoje pela manhã, depois de conhecido o resultado final da reunião do FMI em Washington.

O governo britânico

Em Londres, soube-se que o governo britânico está disposto a participar no reescalonamento da dívida brasileira, mas se nega a contribuir para uma ajuda suplementar de US\$ 2,5 bilhões organizada pelo Fundo Monetário Internacional.

A participação britânica no reescalonamento é da ordem de US\$ 200 milhões. O governo de Londres sofreu pressões para conceder recursos novos, vindos não só do FMI e do governo Figueiredo, mas também dos bancos privados, dos exportadores ingleses, dos serviços de promoção comercial do Ministério da Indústria e do Comércio britânico, do Foreign Office e da embaixada do Reino Unido em Brasília.

Apesar de tudo, a primeira-ministra Margaret Thatcher e o ministro das Finanças, Nigel Lawson, mantêm uma atitude "dura", que alguns setores temem possa prejudicar as relações com o Brasil.

A tese de Thatcher-Lawson é que a Grã-Bretanha já deu ampla contribuição para o desenvolvimento da economia brasileira, inclusive desempenhando um papel importante para o aumento das contribuições para o FMI.